



**Identificar, assimilar e crescer
com os êxitos**

Emma Ocaña

Caderno 7

Maio – 2005

IDENTIFICAR, ASSIMILAR E CRESCER COM OS ÊXITOS

Emma Martínez Ocaña*

1. A QUE CHAMAMOS ÊXITO?

É esta uma pergunta importante, que convém que nos coloquemos, pois se todos os conceitos são subjectivos, ao falarmos de **fracasso** e de **êxito** estamos a entrar em realidades, por excelência, subjectivas e interpretativas.

Etimologicamente a palavra “êxito” provém de um verbo latino que significa “sair” (*exire, exitum*). A palavra “fracasso” deriva de outro verbo latino que significa romper, quebrar (*quassare*).

Portanto, numa perspectiva etimológica “êxito” alude ao facto de sair de uma dificuldade, de vencer um obstáculo, e “fracasso” refere-se a uma ruptura, uma quebra, um derrube. Porém, sair de onde e rasgar, romper, quebrar o quê?¹

Esta abordagem linguística sugere-nos já significados profundos e vitais. Não nos ocupamos das experiências de êxito ou de fracasso com a mente em branco, mas pelo contrário cheia de pré-conceitos sobre o que é e o que significa na vida ter êxito ou ter fracasso. Pré-compreensões que procedem das aprendizagens sociais e culturais que tenhamos feito e da nossa própria psicologia.

Numa cultura como a nossa, em que o objectivo da vida é o “êxito”, ninguém quer fracassar, como se o fracasso fosse uma situação anómala, sem nenhuma consciência de que “só é possível ter êxito, aprendendo com o nosso próprio fracasso e com a observação do que acontece, não só a outros seres humanos, mas também das falhas (fracassos não esperados) existentes no reino animal e vegetal, ao largo do vasto universo, que se estende desde o microcosmos ao macrocosmos”².

As noções de êxito e de fracasso estão carregadas de um *mundo simbólico que as acompanha*. Dizemos “êxito” e surge dentro de nós um mundo cheio de imagens de triunfo, de felicidade, de glória, de poder... Dizemos fracasso e o mundo simbólico que acompanha a palavra está cheio de imagens de sofrimento, de tristeza, de desastre, de frustração.

Como disse sabiamente José António Garcia: “Que esses mundos simbólicos e pré-conscientes têm um imenso poder de configurar os nossos sonhos e as nossas conduta é mais do que evidente. Ora bem, que verdade interior é que têm? Equivale, realmente, na experiência da vida, êxito a felicidade e fracasso a tristeza?”³ Não há vidas aparentemente plenas de êxito que vistas depois se mostraram um poço de tristeza e de sem sentido e outras, aparentemente “fracassadas” que são admiráveis pela sua humanidade e pela experiência de gozo profundo que irradiam?

* Tradução de Fernanda Branco.

¹ Seguimos GARCÍA, J. A. “Cómo vivir el éxito y el fracaso. Claves evangélicas”, in *Sal Terrae*, 90 (2002:9) 673-686, 673.

² RAMÍREZ, A., *Êxito y fracaso. Cómo vivirlos con acierto*. DDB, 200, 62.

³ *Ibidem*, 674

Há uma constatação comum entre os seres conscientes de que o “êxito” é viver e morrer é o “fracasso”; de facto, a morte aparece sempre como a grande frustração da vida e as diferentes religiões lutam contra essa convicção, propondo de maneiras muito diversas outras interpretações da morte e abrindo o horizonte para a “vida eterna” ou uma “vida para além da vida”.

Esta primeira convicção necessita de ser entendida: é sempre um êxito viver, ou depende de como vivemos? Morrer é um fracasso, ou uma grande libertação para uma vida mais plena?

Êxitos e fracassos são dois ingredientes inerentes à condição humana. Expressam as nossas possibilidades e os nossos limites, a nossa grandeza e a nossa fragilidade. É muito importante saber dialogar e conviver com ambas as realidades.

O número monográfico de *Sal Terrae* “Êxito y fracaso” começa com esta frase, que o director da revista recolhe de um psicólogo que não nomeia, mas que expressa muito bem o modo como nestes encontros queremos confrontar estas duas realidades: “Diz-me em que te sentes fracassado/a ou com êxito, e dir-te-ei onde estás a colocar o núcleo da tua identidade”.

Decidimos considerar uma acção como êxito ou como fracasso, em função do nosso sistema de crenças, valores, desejos, expectativas.

Centrando-nos, neste encontro, **na noção de êxito**, se formos aos dicionários encontramos a definição de êxito como “resultado”. 1 – Resultado de um empreendimento, de uma acção ou acontecimento, especialmente bom resultado. 2 – Aprovação do público. Quer dizer, obter um *bom resultado* e obter a *aprovação pública* do mesmo. A partir desta definição, poderíamos fazer-nos muitas perguntas pessoais: a que decido chamar um bom resultado? A partir de que critérios estou tomando a decisão de considerar como “bons” uns determinados resultados? Que crenças, valores ponho em jogo nessa denominação?

Sem dúvida, quando falamos de **êxito** estamos a relacionar essa palavra com o resultado do que desejamos, das metas que nos propusemos alcançar. O problema está em analisar os nossos desejos, para poder discerni-los.

A profunda subjectividade desta noção põe-nos em guarda para tomarmos consciência a partir de onde decidimos chamar êxito a umas experiências e não a outras, como as enfrentamos, como repercutem em nós.

É óbvio que as noções de êxito e de fracasso dependem, em grande parte, da consideração comum de uma opinião pública, a maioria das vezes manipulada por razões “comerciais”. De facto, na definição de êxito entra o reconhecimento público: se uma coisa “sai bem”, mas se não é apreciado assim pelos demais, deixa de ser um êxito.

Portanto, é imprescindível que tomemos consciência dos critérios e escala de valores pelos quais se mede hoje o êxito. Em que medida estou consciente de que esses critérios me condicionam de uma maneira inconsciente?

Porque, efectivamente, aquilo que temos que aceitar é que êxitos e fracassos existem e fazem parte da nossa vida. A partir da forma como lhes chamemos e os vivamos vai ser possível que possam chegar ou não a ser um lugar de sabedoria humana e cristã.

Uma certa quantidade de êxitos é imprescindível para viver, o problema está no esforço que empregamos e nas energias que gastamos na consecução

de um desejo ou de uma tarefa, no conjunto da própria vida, dos valores e projectos globais.

O êxito autêntico na vida corre a par com a felicidade e vem acompanhado de certo sentimento de plenitude, como vivência interna. É importante distinguir entre êxito e fama. Esta última tem que ver com o reconhecimento dos outros e podemos confundir a vaidade do feito com o verdadeiro êxito.

Vamos aproximarmo-nos de uma maneira sábia de considerar e viver os êxitos; depois veremos que isso não é tão fácil e que é uma experiência ameaçada na nossa cultura.

1.1. – O que identificamos como êxito aponta para o núcleo da nossa identidade

Quando falamos de êxito, estamos a dar relevo algo que consideramos valioso, desejável, pelo qual merece a pena viver e lutar e isso tem que ver com o núcleo do nosso ser, aí onde nos jogamos: aspirações, desejos, valores e crenças.

Cada um de nós tem que fazer a “lista” do que considera um êxito na nossa vida, para descobrir os nossos valores, sonhos, utopias.

Aponto alguns êxitos que, na perspectiva de uma antropologia humanista, podemos considerar fundamentais na nossa vida.

Ter êxito na vida tem a ver com:

- Sentir-se bem na sua pele: desfrutar de um certo bem-estar psico-físico-espiritual e social. Sentirmo-nos bem no nosso corpo, mente, psiquismo, meio que nos rodeia.
- Saber relacionar-nos adequadamente com os outros.
- Saber formar à nossa volta uma rede de relações amorosas.
- Poder trabalhar naquilo de que gostamos, para que nos preparámos e sentir que o fazemos suficientemente bem.
- Uma vida tem êxito quando é capaz de construir vida à sua volta, quando consegue fazer um pouco melhor o mundo.
- Se se encontrou na vida com a experiência profunda de amar e ser amado/a no mesmo registo de amor.
- Se se é capaz de triunfar sobre as tendências mais narcisistas, egoístas e violentas que fazem ninho no nosso coração.
- Se se sabe acolher a vida com o que ela oferece, nega ou tira. Se se aprendeu a dizer “olá” e “adeus”.
- Se se sabe desfrutar das pequenas alegrias da vida, do quotidiano e do simples, das relações fundas e comprometidas.
- Se se aprende a viver o aqui e agora, sem perder a memória, nem renunciar à utopia.
- Saber viver em paz e respeito com os outros e os que nos rodeiam.
- Saber desfrutar de um trabalho bem feito.
- Desenvolver as potencialidades que cada um tem, com sentido de humor para enfrentar os fracassos e os reveses da sorte.

1.2 O êxito de chegar a ser-se si mesmo

De uma perspectiva antropológica, dizíamos no encontro anterior que o autêntico fracasso consistia em não chegar a ser-se quem realmente se é, não se abrir, não desenvolver as nossas potencialidades, renunciar a crescer, a avançar; por isso, o grande êxito da vida é **chegar a ser quem somos**, isto é, poder desenvolver todas as nossas potencialidades, poder desenvolver o nosso verdadeiro eu, integrar harmonicamente aquilo de que gostamos em nós e aquilo de que não gostamos...

O êxito de se ser nós próprios/as não é um só êxito, mas muitos, pois é o resultado de um processo para poder chegar a ser em liberdade, em coerência, a partir de dentro e não a partir das pressões das próprias compulsões, ou das expectativas exteriores.

Quer dizer que um dos grandes êxitos da vida é descobrir a nossa verdadeira vocação e orientarmo-nos nessa direcção.

Isto não é resultado de uma experiência isolada, mas sim de um **longo processo**.

Este processo supõe, tal como vimos na oficina da sabedoria de ser si mesmo, pelo menos:

- a) Cultivar a consciência lúcida do que sentimos, fazemos, pensamos, decidimos...
- b) Reconciliarmo-nos com a nossa própria história, curar a memória e as feridas.
- c) Aceitar e amar o próprio ser real, desenvolvendo a nossa singularidade única e irrepetível.
- d) Descobrir as introjecções e recuperar as nossas projecções.
- e) Desmascarar os medos.
- f) Cultivar a coerência.
- g) Viver com um projecto de sentido aberto aos outros.
- h) Cultivar o sentido do humor.
- i) E, partindo de uma perspectiva cristã: chegar a ser o que estamos chamadas a ser por Deus. Isto é, deixarmo-nos configurar como filhos e filhas no Filho, irmãos e irmãs de nossas irmãs e irmãos.

É este um dos grandes êxitos da vida e que proporciona um profundo prazer, sendo fonte de felicidade.

Um êxito que nada nem ninguém nos pode roubar. A morte levar-nos-á tudo, menos o que tenhamos chegado a ser.

2. O QUE DIFICULTA IDENTIFICAR E VIVER COM SABEDORIA OS ÊXITOS.

2.1 Os critérios a partir dos quais identificamos o que é êxito.

Na aproximação conceptual à noção de êxito, já destaquei que as noções de êxito e de fracasso têm por trás critérios, valores, crenças, por um lado profundamente subjectivos e, por outro, profundamente condicionados pela cultura dominante, que nos transmite, muitas vezes por osmose, critérios,

juízos, valores, com os quais identificamos algo como pleno de êxito ou de fracasso.

A) Dentro da **percepção mais subjectiva** com que identificamos o êxito está a experiência de que o sentimento do êxito cresce com a consciência do auto-controlo para conseguir os objectivos que nos propomos para a vida. Mas esta consciência é relativa e os sujeitos muito perfeccionistas nunca se sentem confortáveis com o que alcançam, pois sempre anseiam por mais, sempre encontram falhas que não lhes permitem saborear êxitos, parciais, se quisermos, mas êxitos reais... Vivem sempre com um “sim, mas” que lhes proporciona um sentimento global de fracasso. Porque não esqueçamos que identificar o êxito e o fracasso está muito ligado ao sistema de auto-percepção de cada um.

B) A cultura actual do êxito.

Outros critérios, recebemo-los, muitas vezes, de um modo inconsciente, como por osmose da cultura a que pertencemos; por isso, convém tomarmos consciência dos principais critérios com os quais a cultura actual mede a avalia quem tem “êxito”.

Porque, evidentemente, **vivemos numa cultura do êxito**.

Quais são, hoje, numa perspectiva sociológica, as chaves do êxito? Isto é, o que é que se considera êxito, na nossa cultura?

Em termos gerais, hoje vivemos numa cultura do êxito fácil e apoiados no aplauso do exterior: o que agrada, ainda que seja vendendo intimidade, imagem, valores... Não nos facilita uma interpretação do êxito a partir do profundo do ser, onde se joga o melhor de cada um, nem a partir da coerência, da honradez, da constância, do esforço, da solidariedade; o simples e calado, que não se vê nem se aplaude.

José María Rodríguez Olaizola, num artigo em *Sal Terrae*, dá-nos, a partir de uma perspectiva sociológica, algumas chaves para nos debruçarmos sobre a cultura do êxito na nossa sociedade⁴.

José María recorda-nos que vivemos num tempo de perda de memória e de projectos e que esta incapacidade para perceber a continuidade tem, pelo menos, três consequências:

- a) Numa sociedade regida pelo preceito da flexibilidade, as estratégias vitais perdem a perspectiva da duração. Quem pode dizer para sempre?
- b) Quando se perde a capacidade de esperar, a tendência é viver na cultura da urgência, do agora, que é o único real e importante.
- c) O imediato da gratificação está acima de qualquer ideia de sacrifício ou esforço. Sem dúvida, a nossa cultura (e, com certeza, o nosso psiquismo) está impregnada dum filosofia prática do **viver para desfrutar quanto mais melhor**, sem nos preocuparmos demasiado com os valores permanentes.

Esta perspectiva tem consequências tanto para a vivência do êxito, como para a do fracasso.

⁴ RODRIGUEZ OLAIZOLA, J. M^a. , “La cultura del éxito”, em *Sal Terrae*, nº. 1059, (2002:9) 529-643.

- Numa cultura com perspectiva temporal, há lugar para o fracasso, porém para uma cultura do instante, o que soa a derrota ou falha tem que ser negado.
- Também acontece que, com a desapareição da ideia de continuidade, se torna mais problemático fazer perguntas sobre o sentido das acções, projectos, vida. É verdade que cada vez há mais informação, mas menos sentido.
- Num horizonte de sentido, o fracasso tem um lugar e pode ser entendido como ocasião de aprender, ou amadurecer, ou integrar, à luz de outras experiências positivas. O êxito pode ser matizado pela perspectiva de mudança. Num horizonte de presente, o fracasso é trágico e o êxito deve ser expresso enquanto durar.
- Outras culturas antigas perseguiram o êxito de sobreviver cada dia e fazê-lo com dignidade e respeito, para eles e para os outros⁵. Actualmente os êxitos estão, em geral, afastados das épicas religiosas e mitológicas consideradas arquétipos de sabedoria universal. Os seres humanos actuais são menos épicos e procuram recompensas a curto prazo. “Nas nossas sociedades ricas, vivemos com muito prazer, mas com pouca imaginação e com menos sonhos”⁶.
- Portanto, a partir do nosso horizonte cultural, também ficam afectados os **objectos de êxito**. Quando o horizonte de sentido decresce, tende-se à busca de experiências imediatas e rápidas e como o processo de individualização ganhou terreno sobre as pertenças colectivas, aparecem no horizonte sucedâneos de êxito: pertenças colectivas que não implicam compromissos, mas apenas pura emoção (por exemplo o futebol) e contemplar os êxitos e fracassos alheios, convertidos em espectáculo público (Operação Triunfo, Big Brother, Conta-me como aconteceu, Quinta das celebridades...). E ainda que a **definição do êxito e/ou fracasso** tenha muito de biográfico individual (pelo menos nas nossas sociedades do bem-estar, pois para milhões de seres humanos o êxito é sobreviver cada dia) há elementos comuns na percepção maioritária do êxito: **ter** dinheiro, saúde, beleza, prestígio, reconhecimento público, poder, valor, amigos... Ter êxito é subir na escala, ganhar mais dinheiro, arranjar relações facilmente, armar em conquistador, ganhador...

2.2 A inconsciência acerca do preço que pagamos para conseguir “êxito”.

Muitas vezes não estamos conscientes de que consumimos muitas energias para conseguir aquilo que socialmente é um êxito e muitas menos vezes a preparar-nos e aprofundar aquilo que é interessante para nós. Outras, vivemos mais pendentes do que as outras pessoas, ao avaliar-nos, consideram importante, do que de realizar o nosso próprio projecto vital.

⁵ Sigo RAMIREZ, A., *Éxito y fracaso. Cómo vivirlos con acierto*. DDB, 2000, 10-35.

⁶ *Ibidem*, 33

Nem sempre estamos conscientes de que alcançar os objectos de êxito dominantes pode prejudicar o nosso desenvolvimento e crescimento pessoal e, portanto, o alcançar da felicidade.

Uma excessiva ânsia de triunfo pode arruinar uma vida, pois as nossas energias são limitadas. Como diz Amado Ramirez: “A vida é uma harmonia de efeitos opostos que se encontram”⁷. Hoje, o êxito idealiza-se e o fracasso exagera-se.

Urge tomarmos consciência de que para “ter êxito” é necessário ter claro aquilo que desejo, à margem do que os outros esperam ou desejam de mim. Mas isto não basta; é necessário ter critérios para decantar os nossos desejos e necessidades. Por exemplo, a necessidade ou desejo de ocupar um estatuto social determinado pode desgastar grande parte da energia da nossa vida, sem pararmos para perguntar se nos merece a pena “qualquer” preço para o alcançar. Não sacrificamos, às vezes, saúde, relações, família, pelo “êxito” profissional, ou para conseguir poder? Quantas vezes a abundância dos “bens”, hoje considerados objecto de êxito, como dinheiro, poder, beleza, aceitação social, acabou por prejudicar a saúde, as relações e o desenvolvimento e crescimento pessoal.

A inconsciência acerca do preço que pagamos pelo êxito pode também levar-nos a confundir a vaidade do êxito com o gosto e o bem-estar que nos proporciona o fazer bem as coisas, o reconhecimento autêntico da autoridade que nos proporciona alguma habilidade e/ou capacidade que usamos com eficiência. O êxito que procede de saber fazer alguma coisa bem é muito satisfatório e ajuda-nos a encontrar sentido para a vida.

Não é fácil ter a sabedoria de equilibrar o êxito numa área da nossa pessoa com todas as dimensões da vida.

Poucas vezes sabemos ter a lucidez para nos interrogarmos acerca do que ganhamos e do que perdemos e a que área da nossa pessoa afecta e o que ganham os outros, a quem beneficia e a quem podem prejudicar os nossos êxitos.

Por isso mesmo, é importante compreender que na nossa cultura muitas vezes parece como incompatível êxito pessoal e solidariedade, apesar de termos tantos exemplos de líderes sociais que triunfaram nos seus compromissos sociais: Gandhi, Luther King, Mandela, Romero... Souberam triunfar, porque souberam renunciar a uns “êxitos”, para polarizar as suas energias na consecução de valores fundamentais na sua vida. Porque souberam “perder” algumas coisas para “ganhar” outras, para si e para a humanidade.

2.3. A maneira de manejar a experiência do êxito

Não me vou deter neste apartado, porque é bastante óbvio que o êxito pode fazer-nos crescer em sabedoria e humanidade ou desumanizar-nos e provocar à nossa volta dor e mal-estar. Porque os êxitos podem:

- Dar-nos segurança nas nossas possibilidades, qualidades, “poderes”, e, por esse lado, crescer em auto-estima.

⁷ *Ibidem*, 55

- Também podem fazer crescer em nós a consciência de que tudo o que temos é dom recebido e, conseqüentemente, tornar-nos mais gratos a Deus, aos outros, à vida, a toda a realidade.
- Mas também podem fazer-nos arrogantes e orgulhosos, prepotentes e auto-suficientes.
- Podem também tornar-nos escravos do “vender”, para o conseguir e/ou manter, valores fundamentais na vida, tornando-nos insolidários, competitivos, inconscientes dos preços que pagamos e do que perdemos em saúde, família, amigos, descanso...
- Por isso, podem chegar a despersonalizar-nos, a perder o melhor de nós próprios, podem adoecer-nos, por forçar a máquina e/ou tentar conseguir e manter os triunfos de modo perigoso (drogas, álcool...)

3. O QUE PODE FAVORECER O IDENTIFICAR E VIVER COM SABEDORIA OS ÊXITOS

A) Fazer a revisão das **nossas crenças** acerca de onde se situam **as causas** dos nossos êxitos: sorte, esforço, capacidades, qualidades, habilidades sociais, segurança básica...

Falar de êxitos e fracassos tem muito que ver com o sistema de auto-percepção que cada um/a tem de si próprio/a. O que Julian Rolter denominou “lugar de controlo” das pessoas, e chamou como “interno” ou “externo”. A base desta classificação está nas crenças dos sujeitos de que a causa dos êxitos da vida depende de si próprio/a ou de forças alheias a si. Quer dizer, a força está fundamentalmente “dentro” e coincide com pessoas que têm uma grande confiança em si próprias, alta auto-estima, auto-percepção de eficácia, ou “fora” (circunstâncias, pessoas, azar) e coincidem com pessoas mais dependentes das forças alheias do que das próprias, baixo nível de estima e dificuldade para tirar gozo e mostrar os seus feitos⁸.

É importante que nos perguntemos, cada um/a de nós, quais são as nossas crenças. Colocamos a ênfase em acreditar que o êxito está vinculado a elementos como o esforço, a capacidade para resistir face às tentativas falhadas, a coragem para lutar e permanecer, ou em acreditar que de pouco vale o esforço, as qualidades, o trabalho bem feito, porque o “destino”, o azar, a sorte, decidem tudo?

Os êxitos televisivos, que constroem “heróis” que procuramos tocar, como se fossem uma relíquia, que não se esforçaram quase nada, que não se destacam por nada de significativo nem valioso socialmente, não nos ajudam a ter uma visão mais realista do autêntico êxito, nem favorecem uma educação baseada no esforço, mas ao contrário no triunfo rápido e a qualquer preço e sem o menor sentido ético.

Sem dúvida há uma grande vinculação entre êxito e auto-estima, ainda que não seja este o lugar para desenvolver este tema.

Pretendo, apenas, neste momento, fazer uma chamada de atenção para que façamos a nossa própria revisão acerca da análise que temos feito e

⁸ Citado por RAMIREZ, A., *ibidem* 77

fazemos acerca de onde se situam as principais causas ou factores que favorecem o êxito na vida.

B) Adequação entre desejos, recursos e possibilidades.

Da mesma forma que quando analisámos as possíveis causas dos nossos fracassos vimos a importância que tinha a adequação e o realismo das metas, veremos agora a importância que isto tem nos êxitos.

No caminho para o êxito é importante saber identificar: que desejo, com que recursos conto, que posso realmente fazer e por onde começar⁹.

Quando falámos de fracasso, vimos que uma das possíveis causas dos fracassos consiste em não ter motivações suficientes ou ter desejos desmesurados; pois isso mesmo podemos dizer acerca dos êxitos. Saber claramente o que queremos e em que medida o nosso desejo é “realista”, isto é, que contamos com os recursos e as possibilidades de alcançar o desejado, para não vivermos numa contínua ansiedade para conseguir o impossível.

É verdade que é importante identificar recursos que nem sequer sabemos que temos, e que um primeiro passo para o êxito é saber activá-los e aprender a realizar pequenas actividades, agradáveis e possíveis na direcção do desejado, não esperar pelas grandes oportunidades, que podem não chegar nunca.

Entre os recursos pessoais no caminho do êxito, um dos mais importantes é a capacidade de luta e de esforço, a capacidade para permanecer, apesar de erros e fracassos, que são parte do processo de aprendizagem. A capacidade de cada um/a acreditar em si próprio. Poucas vezes se fala do êxito de saber resistir na luta, para conseguir algo que se considera valioso para si e/ou para os outros. Para isso há que cultivar a força de vontade, algo que parece esquecer a cultura actual do êxito fácil e ao alcance da mão.

Há uma grande vinculação entre êxito e auto-estima. As pessoas com alta auto-estima têm mais possibilidades de alcançar êxito, uma vez que é mais fácil para elas não desanimar nos fracassos e continuar a acreditar em si próprias e nas suas possibilidades.

Porque ter êxito supõe saber viver aceitando a nossa debilidade, fragilidade, limite e essa sabedoria torna-se mais fácil para as pessoas com auto-estima ou pessoas com crenças profundas que as ajudem a viver a fragilidade e vulnerabilidade como algo positivo nas suas vidas.

No caminho para o êxito, ajuda muito cultivar a “imaginação positiva”, imaginando novas condutas, inclusivamente arriscadas, que depois se podem ensaiar.

Para realizar os nossos desejos, é importante estar conscientes não só dos recursos internos com que contamos, mas também dos apoios externos; além de sabermos interrogar-nos e responder-nos que benefícios se obtêm e a que preço, o que posso perder se fracasso na tentativa. Isto facilitar-nos-á o perguntar-nos que prioridade tem esse “êxito”, que procuro, na escala de valores da minha vida.

⁹ Para um maior desenvolvimento deste tema, veja-se “El camino del êxito”, en RAMIREZ, A., *Ibidem*, 189

C) Tornarmo-nos conscientes da orientação e da filosofia da nossa vida

Identificar pessoalmente alguma coisa como êxito está relacionado com o que queremos fazer em e com a nossa vida, com os valores fundamentais com que queremos viver, com as nossas crenças básicas. Todos perseguimos algum tipo de êxito, o que nos diferencia não são só os meios que empregamos, mas também, sobretudo, para que meta aponta a nossa vida.

As nossas crenças e os nossos valores são o que nos dá a medida dos nossos êxitos e dos nossos fracassos.

Cada um/a de nós define o que considera êxito na nossa vida e esta definição revela o nosso mundo de valores e de crenças. Também a noção de êxito costuma estar muito perto da ideia de felicidade.

D) Um grupo de referência que nos ajude a viver com as crenças e valores próprios. Não nos é possível viver o que queremos viver sós, sem o apoio de um grupo ou de uma comunidade de apoio, de referência, de confrontação.

II – APROXIMAÇÃO TEOLOGAL

4. COMO DEIXAR-NOS EDUCAR NA SABEDORIA EVANGÉLICA DO ÊXITO

Como dizíamos no encontro anterior, de que não podemos afastar-nos muito neste: “êxito não é nenhum dos nomes de Deus” (Buber), nem é uma palavra que apareça nos Evangelhos.

Mas, de facto, podemos deduzir do contexto evangélico quem é um ser humano realizado e um malgrado, o que é ganhar e o que é perder, quem é de verdade o ser humano e como reler evangélicamente o que é ser-se si-mesmo/a.

Recordamos o que dizíamos sobre isto no encontro anterior, seguindo Toño García. Os Evangelhos e todo o Novo Testamento apresentam-nos como modelo de ser humano realizado alguém que “visto o olhos humanos – esse olhar arcaico que nos recorre por dentro e empapa culturalmente por fora – não passa de um ser fracassado. *Ecce homo!* Aqui está o homem. O Crucificado é a negação mais radical, o questionamento mais surpreendente das nossas concepções do êxito e do fracasso humanos, daquilo em que consiste uma vida realizada ou uma vida fracassada”¹⁰.

Os Evangelhos sinópticos repetem com insistência a mensagem de que quem ganha a vida perde-a e quem a perde por amor do Evangelho ganha-a, como ratificando o que sobre o êxito e fracasso nos mostra a vida de Jesus.

Onde buscar a fonte desta concepção tão atípica de êxito e de fracasso? Jesus herda e assume uma tradição antropológica, segundo a qual a resposta à pergunta sobre quem é o ser humano, e portanto sobre o êxito e o fracasso de o ser não é dada pela filosofia, nem pela cultura, mas pelo que Deus sonha para ele e para o que o chama a ser. O êxito humano, portanto, é responder a

¹⁰ GARCÍA, J. A., art. Cit. 675

esse sonho, a essa chamada, fracassar é viver de costas para a sua “vocação” humana.

A pessoa de Jesus e a sua doutrina são o resultado desta escandalosa concepção do ser humano. Que pode ser mais escandaloso para nós do que o facto de que a revelação do que é o ser humano pleno, ainda mais vindo de quem é Deus, se produza num homem fracassado, crucificado no meio de dois malfeitores? Como afirma Martin Buber, “êxito não é nenhum dos nomes de Deus”¹¹.

Portanto, partindo desta primeira aproximação, de uma perspectiva de fé cristã, ter êxito ou fracasso na vida não se mede só a partir das nossas pulsões interiores, nem da cultura dominante, nem do que as nossas tradições “humanistas” nos dizem, mas a partir do que Deus nos chama e nos possibilita ser e a partir da nossa resposta ou não-resposta à sua chamada.

4.1 – O êxito de se ser si mesmo/a: em chave evangélica.

Partindo desta perspectiva relemos o que dizíamos anteriormente sobre o “êxito de se ser si mesmo/a”.

A Psicologia evolutiva diz-nos que o ser humano cresce apoiando-se nos seus poderes (qualidades, possibilidades, faculdades...) e passando dos apoios de fora aos apoios de dentro. Que a pessoa vai tendo segurança em si própria, apoiando-se nos seus êxitos, no desenvolvimento e crescimento do seu ser.

A fé em Jesus oferece-nos alguma perspectiva nova?

Sem negar nada do que a Psicologia humanista nos diz, Jesus apresenta uma profunda novidade:

- A) Na fundamentação última do ser.
- B) No horizonte último do eu.
- C) Alerta-nos para possíveis enganos e/ou equívocos relativamente a estes horizontes últimos.
- D) Orienta-nos sobre modos de alimentar uma perspectiva sua.

A) Fundamentação última do eu.

Sem negar a importância que têm no processo evolutivo da pessoa os apoios nas próprias forças, possibilidades, poderes, qualidades e na sua capacidade de os desenvolver, acrescenta um solo mais forte e mais estável. A rocha firme onde nos apoiamos como pessoas não está no que consigamos fazer no desenvolvimento do nosso ser, mas no facto de que o dado primeiro e originário do nosso ser está em que somos criaturas de Deus, que **surgimos do amor e da chamada de Deus. Essa é a rocha definitiva, o solo inamovível do nosso ser ontem, hoje e sempre.** Em situação de êxito e de fracasso.

O mais valioso do nosso ser e que ninguém nem nada poderá arrebatá-nos está no amor recebido, que nos torna capazes para poder dar-nos, entregar-nos.

¹¹ Citado por *Ibidem*, 676

B) O horizonte último do nosso eu

O horizonte último do nosso ser é o nosso “eu divino”, esse chamamento que nos fez Jesus para sermos como Deus Mãe-Pai: um amor que se entrega.

Há sempre o perigo de identificar o horizonte do nosso eu com a realização do nosso eu “individual” e “pequeno”, sem nos apercebermos de que isso é caminho e não horizonte. Sem ser eu, não posso dizer “tu”, mas o meu eu não se acaba nas fronteiras da minha pele, mas antes na experiência de toda a humanidade, inclusivamente toda a criação como “minha própria carne”.

Não se trata de uma experiência racional, mas mística, essa de que é bom pedir a graça, ser alcançado por ela, e para a qual podemos preparar-nos a partir do silêncio profundo do “ego”.

Esse horizonte último em Jesus teve os seus lugares privilegiados: os/as excluídos/as por razões económicas (os pobres), por razões sociais (as mulheres, as crianças, os doentes), por razões políticas (os gentios), por razões religiosas (os pecadores).

C) Possíveis enganos e/ou equívocos

Apoiar o nosso ser não nas nossas conquistas, sejam elas quais forem (poderes, qualidades, êxitos, méritos), mas no amor incondicional de Deus e na nossa resposta ao seu amor e estabelecer o horizonte do nosso ser para além das fronteiras da nossa pele é passível de muitos perigos e possíveis enganos.

Dificuldades e perigos talvez mais exacerbados pela cultura do êxito dominante, mas perigos do ser humano de todos os tempos. Viver obcecados pelo êxito do nosso pequeno eu e poder libertar-nos dos parâmetros do êxito da cultura actual (dinheiro, fama, poder) é uma dificuldade hoje para nós, como foi para Jesus, no seu tempo.

As “tentações de Jesus” mostram claramente que o ser humano pode ser tentado segundo três instintos, necessidades básicas que podem converter-se em obsessões e ou em ídolos.

O **instinto de viver** pode produzir em nós uma obsessão com a própria vida, com a “boa vida”, a saúde, a “qualidade” de vida, segundo uma “a-patia”, e um esquecimento das vítimas da nossa própria boa vida e das vidas mais ameaçadas. Esse mesmo instinto pode levar-nos a uma tentação muito frequente: aproveitarmo-nos pessoalmente das situações de privilégio ou dos nossos poderes, que em vez de serem um lugar para ajudar outros, seja apenas para proveito próprio.

O **instinto de ter** pode levar-nos à cobiça de bens, poderes, riquezas, para a satisfação das nossas necessidades, com o esquecimento das necessidades primárias por satisfazer de três quartas partes da humanidade.

O **instinto de valer** pode levar-nos à obsessão pelo prestígio, pelo subir, estar em lugar cimeiro, receber aplausos, assente num alheamento, numa separação, num distanciamento, numa humilhação dos que estão abaixo ou, pior ainda, rastejar e colocar armadilhas aos que estão mais abaixo do que eu.

Jesus superou todas essas tentações e enganos com que foi confrontado, e alcançou o grande êxito de ser ele mesmo e de realizar um

Reino segundo o sonho de Deus para ele. Alcançou, assim, a verdadeira liberdade, que consiste em ser livre para amar, para poder entregar a vida em liberdade.

D) Modos de alimentar esta perspectiva

Viver com este olhar e sem nos desresponsabilizarmos do sofrimento alheio está muito ameaçado, a partir de dentro e de fora de nós próprios.

Que poderá ajudar-nos a não sucumbir aos possíveis enganos e seduções? Nada transforma mais do que as experiências e, mais uma vez, nos apoiamos em Jesus, o homem capaz de viver esta dinâmica de ser ele próprio segundo o projecto do seu Deus, a partir do seu encontro pessoal com ele. Só a experiência do Deus vivo, que nos remete para o seu amor incondicional recebido e para o horizonte fraterno do nosso ser, pode ajudar-nos a não perder esta perspectiva de êxito e de fracasso.

Jesus, que veio para nos revelar esta boa notícia, deixou-nos o seu Espírito vivo no nosso coração e no coração da história.

Essa experiência permitir-nos-á, como permitiu a Jesus, encontrar caminhos para ganhar a vida, caminhos do autêntico “êxito” de sermos nós mesmos, segundo o projecto de Deus.

Perante o medo e a insegurança radical do nosso ser, não cair na armadilha da cobiça dos bens, mas sim na confiança radical e última do nosso ser em Deus.

Perante os êxitos e triunfos da nossa vida, o perigo é esquecermos que tudo o que somos recebemos como dom e cair na soberba, em vez de viver do agradecimento a Deus, aos outros e ao mundo, que nos permitiram ser o que somos.

Perante os nossos fracassos culpáveis, não cair na culpabilidade destrutiva, mas sim na abertura ao perdão. Perante os fracassos não culpáveis, deixarmos-nos conduzir pelo convite ao desprendimento de saber dizer “adeus” e “olá”.

4.2 O ÊXITO DE CHEGAR A GLORIFICAR-NOS NAS NOSSAS FRAGILIDADES

A ruptura evangélica de esquemas sobre o êxito e o fracasso reflectiu-se na experiência da comunidade cristã, não apenas nos evangelhos, mas também nas cartas de São Paulo.

O fariseu Paulo descobriu rapidamente a ruptura interior que necessitava de fazer para entrar na dinâmica de graça que acreditar em Jesus implicava, descobriu a própria experiência que seguir Jesus era desalojar do seu coração o fariseu que albergava e começar a glorificar-se, não pelos seus méritos, nem pela sua força, nem pela sua sabedoria, mas sim da força de Deus em si, da misericórdia e da graça, da “louca” sabedoria de Deus, e essa sua convicção profunda tratou de a inculcar nas comunidades que fundou e a que deu alento.

Por isso, neste encontro também vamos pedir a graça de nos deixarmos alcançar pela loucura que supõe a paixão de Jesus, por Jesus, pelo frágil deste mundo receber a graça de poder reconhecer e reconciliarmo-nos com a nossa

fragilidade até como São Paulo chegar a “glorificar-nos nas nossas fragilidades”.

A) Quem é frágil para o N.T.¹²

O termo grego “asthénéia”¹³, que significa literalmente falta de vigor ou de força, e o campo semântico próximo, o adjetivo “asthenés”, ou o verbo “asthenéō”, que significam debilidade física (doença), expressam o contrário de “dynamis” (poder) o “eschyros” (força).

Estes dados dizem-nos que asthénéia tem uma ampla gama de significados, que vão desde a caducidade da natureza humana, ou da vida em geral, como a fragilidade económica, isto é a da pobreza, ou a fragilidade física, isto é, a doença e a fragilidade moral: fraquezas.

O NT dá muita importância à família de palavras relacionadas com a “fragilidade”. Asthénéia e os seus derivados aparecem mais de oitenta vezes¹⁴ vinculada à actividade e mensagem de Jesus. Isto diz-nos que algo muito importante nos quer dizer o NT acerca de a partir de onde Ele se situa e a partir de onde nós, os homens e mulheres, podemos acolher o Reino de Deus e intuir quem é o mesmo Deus.

Quando encaramos os Evangelhos na perspectiva da fragilidade, verificamos:

1º. Que a predicação de Jesus provocou um enorme entusiasmo no povo, na “gente”, no “gentio” é um dado testemunhado por todos os Evangelhos, especialmente por Mc (1, 28.37.45; 3, 7.20; 24; 6, 31.34; 8, 1; 9, 14; 10, 1.46)¹⁵ Quem é essa gente? São as “massas”, os sem lei, os ‘am hâ’âres, gente maldita. São associados à doença (Mt 4, 25; 14, 15; 15, 30-31; 19, 2; Mc 3, 9-11; 9, 17-18; Lc 5, 15;; 6, 17; 9, 11), ao demónio (Mt 4, 25; 17, 14-18; Mc 3, 9-11; 9, 17-18; Lc 6, 17-19; 9, 38-39), ao pecado (Lc 3, 7; 5, 29), à fome (Mt 14, 19-23; 15, 32; Mc 8, 1-2; Lc 9, 12), à exclusão social pelo sexo: as mulheres (Lc 7, 37; 8, 1-3; 13, 11; 7; Mt 26, 10; Jo 4, 7; 8, 3-10). Jesus aparece como uma boa notícia para os pobres, os doentes, os pecadores e as mulheres¹⁶.

¹² Faço um resumo de CASTILLO, J. M^a. C.4 “Elogio de la debilidad” em *Los pobres y la Teología. ¿Qué queda del a Teología del a Liberación?* DDB, 1997, 99-124

¹³ LINK, H. G. *Debilidad*, in COENEN L., op. Cit V, II, 9

¹⁴ ZMIJEWSKI, J. “asthenês”, in BALZ-SCHNEIDER, *Diccionario exegético del Nuevo Testamento*. V. I Salamanca, 1996, 511

¹⁵ A literatura sobre o Reino de Deus é esmagadora; para a exegese bíblica LUZ, U., “Basileia”, em BALZ, G., SCHNEIDER, G, *Diccionario exegético del Huevo Testamento*, Vol i, Salamanca, 1996, 600-602.

Na perspectiva cristológica, uma boa e ampla apresentação do Reino de Deus nas cristologias actuais em SOBRINO, J., *Jesucristo liberador*. UCA, 1991, 121-230. CASTILLO, J. M^a., na sua recente obra *El Reino de Diós. Por la vida y la dignidad de los seres humanos*. DDB, 1999, com bibliografia abundante e actualizada.

¹⁶ Sempre que nos Evangelhos se fala de mulheres, ou é para indicar uma atitude positiva de Jesus para com elas ou delas para com Jesus. Não há um só texto nos Evangelhos onde apareça a palavra “gyné” e se expresse uma atitude de reprovação ou de recusa e aparecem mulheres em situações “pouco recomendáveis”: pecadoras famosas (Lc 7, 37), endemoninhada (Lc 13,11), Samaritana, que, além disso, vive irregularmente com vários maridos (Jo 4, 7), mulher pagã que discute com Jesus, uma adúltera (Jo 8, 3). Sai em defesa delas, quando as querem agredir ou difamar (Mt 26, 10 par; Lc 7, 44; Jo 8, 3-10). Na comunidade itinerante que acompanhava Jesus, havia homens e mulheres (Lc 8,13; Mc 15, 40-41), facto escandaloso no seu tempo, em que as mulheres não podiam ser discípulas de

Que têm em comum? A marginalização e, mais no fundo, a “**fragilidade**” (asthéneian) e **onde há marginalização e fragilidade há dor**.

2º. Jesus solidariza-se especialmente com “essa gente”, aposta neles, dedica-lhes a sua vida e proclama que a sua missão é precisamente uma “boa notícia” para os pobres e excluídos, saúde para os doentes, liberdade para os oprimidos. Mostram-no não só os sumários programáticos em que Jesus disse para que veio (Mt 11, 5; Lc 4, 18 ss), mas também o facto de ter sido essa a sua actuação, o seu sinal de identidade, quando os discípulos de João lhe perguntam se ele é o Messias (Mt 11, 2-6; Lc 7, 18-23). A carta aos Hebreus sublinha que o sacerdócio de Jesus se caracteriza pela sua misericórdia, isto é, pela sua capacidade para se “compadecer das nossas fragilidades” (Heb 4, 15). A solidariedade de Jesus para com os homens e mulheres não se baseia nas suas boas obras, heroicidades, nem saberes, mas antes na fragilidade que frequentemente recusamos, que nos esmaga e que, frequentemente, nos culpabiliza¹⁷. “É precisamente porque somos frágeis, que Jesus se identificou connosco. E porque nos sentimos frágeis, exactamente é quando Jesus se solidariza connosco; o ponto de sutura de Jesus com a humanidade é, surpreendentemente, a fragilidade”.

Porque é que Jesus preferiu os frágeis? Porque é que proclama que de um modo especial o Reino de Deus é para eles? Porque é que proclama que Deus se fixa na fragilidade e a antepõe a tudo o mais? Porque é que é especialmente aos simples que se revela, e isso enche de alegria Jesus? (Lc 11, 25)¹⁸.

3º. Não só se solidariza de fora, mas faz-se frágil com os frágeis. Identificou-se de tal maneira com as fragilidades das gentes do povo, que foi tido como um falso profeta (Lc 7, 39); por um louco (Mc 3, 21; Jo 7, 20); por um demónio (Belzebu Mt 10, 25); por um endemoninhado (Mc 3,22; Mt 12, 24; Lc 11, 15); por um blasfemo (Mc 2,7; Mt 9, 3; Lc 5, 21); por um comilão e bêbedo (Mt 11, 19; Lc 7, 34); por um agitador (Lc 23, 14); por um malfeitor (Jo 18, 30); por um impostor (Mt 27, 63); por um subversivo (Lc 23, 2-14); por um herege (Jo 8, 48); por um amigo de publicanos e pecadores (Mt 11, 19; Lc 15, 1-2) e morre fora da cidade, entre malfeitores, em plena fragilidade e experiência de silêncio e abandono, inclusivamente por parte do Pai. Que há de revelação, funda e profunda nesta fragilidade de Jesus? A Epístola aos Hebreus diz-nos: “Pois por ter ele passado a prova da dor, pode auxiliar aqueles que agora passam por ela” (Heb 2, 18) Será que isto nos indica que não há libertação da dor e do sofrimento no mundo sem carregar com eles, sem os padecer? Que não há salvação para a dor, neste mundo, a partir de nenhum tipo de poder a não ser a fragilidade? E nisto, acreditamos verdadeiramente?

rabinos, nem mestras. Manteve estreita relação de amizade com Marta e com Maria, e a sua predilecção por Maria Madalena é constantemente testemunhada, não só pelos apócrifos, mas também pelos próprios Evangelhos (Lc 10, 41; Mt 26, 10 par; Jo 12,8; Jo 20, 11-18)

¹⁷ CASTILLO, J. M^a., *Los pobres y la teología*, 108

¹⁸ Para aprofundar acerca do Reino de Deus, a partir da exegese, “Basilea”, em BALZ-SCHNEIDER, *Diccionario exegético del N. T.*, V I, Salamanca, 1996, 600-602. A partir das cristologias, SOBRINO, J., *Jesuscristo Liberador*, Trotta, 1991, 193-197. AGHUIRRE, R., *El Reino de Dios y sus exigências morales. Estudios del NT desde las ciencias sociales*, Santander, 1994.

4º. Paradoxalmente é assim: num crucificado, sem nenhum poder, em plena fragilidade, acontece a grande revelação de Deus, **um Deus nada poderoso, senão em fragilidade**. Espontaneamente, identificamos Deus e poder e este ilimitado. Deus onipotente e esta concepção de Deus não é a que se mostra em Jesus. Por esse caminho, não o reconhecemos. “Por isso, Deus teve por bem salvar os que crêem com essa loucura que predicamos (1 Cor, 21) e essa “loucura” é o Messias crucificado” (1 Cor, 1, 23) que é, exactamente, a “fragilidade de Deus” (1 Cor 1, 25). A revelação de Deus fez-se na “carne” (sárx)¹⁹ “A Palavra fez-se carne” (1 Jo, 14). O termo escolhido por São João não indica só a condição humana, antes é mais em concreto a *fragilidade* que caracteriza o ser humano.

O escândalo de que fala São Paulo e que talvez tenhamos domesticado é que a revelação de Deus, a sua presença, tal como se realizou em Jesus é que o próprio Deus se revelou como fragilidade, mais imponente do que onipotente. O Deus em que acreditamos define-se a partir do Amor, não do poder, Deus é amor (1 Jo, 4, 8) e o paradoxo do amor é que é forte na sua impotência, porque renuncia a impor-se pela força, só é eficaz se é acolhido livremente. E este é também o segredo do amor que sempre põe mais onde há mais necessidade, mais fragilidade e mais carência, dá mais onde há menos. Assim é o amor materno-paterno, que sem deixar de amar todos os seus filhos e filhas, se debruça mais onde há mais necessidade. O amor de Deus alcançou a sua expressão suprema na sua fragilidade e impotência perante a cruz do seu Filho e de todos os filhos na história²⁰. “Da concatenação amor/fragilidade nem Deus escapou”. Porquê não teve Deus outra forma de nos revelar o seu amor até ao fim, senão o silêncio impotente ante a cruz do filho? Este silêncio de Deus é um escândalo que é bom não deixar calar rapidamente...

Que imagem de Deus temos, realmente, e que lugar ocupa nesta fragilidade como sinal da sua identidade?

B) A fragilidade como lugar de encontro consigo mesmo, com os outros e com Deus

Consigno mesmo: o processo de amadurecimento humano passa pela consciência crescente do que, em palavras de Chardin “recebo mais do que faço”. Quer dizer, a consciência da própria fragilidade e a reconciliação com ela, a capacidade de acolher as “passividades” de deficiência; a renúncia às fantasias de onipotência e a experiência de que o mais valioso da vida, a começar pela própria vida, é recebido sem que sejamos os protagonistas disso.

Com os outros: poucas coisas afastam mais do que a prepotência, o orgulho. O prepotente, o que acredita que não necessita de ninguém fica incapacitado para amar e ser amado. Talvez seja admirado pela sua “força” e pelo seu “poder” para solucionar tudo, mas estará só e não apenas não poderá amar, como dificilmente despertará amor e solidariedade com ele.

¹⁹ SEEBAS, H. “Carne” em COENEN, E. BEYREUTERM, H., BUIETENHARD, H. *Diccionario teológico del N.T.*, V. I, 229.

²⁰ Formulado, entre outros, esplendidamente por SOBRINO, J., *Jesucristo Liberador*. No capítulo dedicado às razões da morte de Jesus em concreto, o apartado “la credibilidad del amor de Dios” UCA, 1991, 374-377

Inclusivamente, a experiência humana diz-nos que nos amamos porque nos desejamos e nos necessitamos, damos e, ao mesmo tempo, recebemos. Custa-nos assumir que somos seres em necessidade e é nessa consciência e solidariedade mútua que vamos aprendendo a encontrar-nos verdadeiramente. É, portanto, a consciência da própria fragilidade, a impotência para nos bastarmos a nós próprios aquilo que nos possibilita relações igualitárias e fraternas.

Lugar de encontro com Deus. Essa é a grande revelação bíblica: é na nossa fragilidade que Ele nos vem ao encontro, e Jesus explicava-o de uma forma muito simples “Porque não têm necessidade de médico os sãos, mas os doentes; não podem ser perdoados os que acham que não necessitam de perdão; nem reabilitados pela sua graça os que acreditam que têm méritos. E não só isto, mas vem-nos ao encontro com uma presença singular nos fracos e necessitados deste mundo: “porque teve fome e sede e estava despido”... (Mt 25)

C) A fragilidade como lugar de revelação da sabedoria e da força de Deus

Porque “a loucura de Deus é mais sábia que os homens e a fragilidade de Deus mais potente que os homens” (1 Cor 1, 25).

Este dado fundamental no Novo Testamento é desenvolvido por São Paulo, sobretudo na sua primeira epístola aos Coríntios, do capítulo 1 ao 4, onde contrapõe a “sabedoria do mundo e a sabedoria de Deus” (Cor 1, 18-3, 20)²¹. Quatro vezes fala São Paulo da “fragilidade de Deus” e o que esta supõe no plano de Deus e na vida cristã (1 Cor 1, 25, 27; 3; 4, 10).

“Pois quem é que te distingue? Que é que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se o não tivesses recebido? ... Somos loucos por causa de Cristo, vós, porém, sois prudentes em Cristo; somos fracos, vós, porém, sois fortes; vós sois bem considerados, nós, porém, somos desprezados.” (1 Cor 4, 7 – 10)

A sabedoria do “mundo” que São Paulo denuncia não é uma sabedoria fechada a Deus, mas antes procura “signos”, provas que implicam poder (1 Cor 1, 22) e o plano de Deus é revelar-se na loucura e no escândalo da cruz (1 Cor 1, 23).

A contraposição entre poder e fragilidade é a chave para entender onde se manifesta Deus e como se manifesta. Jesus descobre, na sua experiência, essa contraposição e isso enche-o de alegria: “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste essas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado” (Lc 10, 21).

** Ouvimos os “frágeis” deste mundo, convencidos de que neles Deus se revela? Ou vamos “falar-lhes”, “ensiná-los”? Que nos ensinam a nós os frágeis,

²¹ BORNKAMM, G., *Pablo de Tarso*, Salamanca, 1979 e BARBAGLIO, G., *Pablo de Tarso y los orígenes del cristianismo*, Salamanca, 1989

incultos, pequenos? Inclusivamente: como acolhemos a palavra sobre Deus que nos chega de outros contextos diferentes, de outros universos simbólicos, que não são os “nossos”: europeus, homens e mulheres brancos e cultos? Como valorizamos a sabedoria de Deus que nos chega da América Latina, da Ásia, da África, da Teologia feminista...? Que capacidade, ao menos, temos de *escuta interior* para acolher a verdade que nos podem estar a dizer desses outros mundos tão diferentes dos nossos?

A **fragilidade** não é apenas lugar de revelação, mas também, paradoxalmente, é lugar **da força de Deus**.

“Por conseguinte, com todo o ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo. Por isso, eu me comprazo nas fraquezas, nos opróbrios, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por causa de Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte.” (2 Cor 12, 9-10).

Como vivemos a nossa experiência de fragilidade?

D) A fragilidade, requisito para acolher, proclamar e realizar o reino

“Mas o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios, e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte; e o que no mundo é vil e desprezado, o que não é, Deus escolheu para reduzir a nada o que é.” (1 Cor 1, 27-28).

“Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus. Em verdade vos digo: aquele que não receber o Reino de Deus como uma criança, não entrará nele.” (Mc 10, 14).

Para lá da exegese que façam destes textos os estudiosos das Escrituras, há uma profunda verdade, que nos é difícil de assimilar.

Dolores Aleixandre tem um artigo esplêndido “El que me sigue no caminará en la oscuridad”²², onde destaca a paixão de Jesus pelo pobre, simples, “obscuro” deste mundo, “a incompreensível obstinação em apoiar a sua predicação e a missão dos seus apenas na força da palavra, como se até um par de sandálias a mais fosse prejudicar a sua eficácia (Lc 10, 4). Porquê aquela escolha de discípulos tão mal aconselhada, que recrutava pescadores e cobradores de impostos e prescindia de um escriba, do prestígio intocável de um fariseu, do poder de um saduceu ou da rectidão e ascetismo de um essênio?”²³

“Jesus proclama e realiza o Reino através de comportamentos “frágeis”. Não apagar a mecha vacilante, nem quebrar a cana rachada (Mt 12, 20), expressar com toda a rotundidade uma convicção (“não vim senão para as ovelhas perdidas de Israel”) e deixar-se persuadir pela insistência de uma mulher não israelita (Mc 7, 24-30). [...]

²² em *Círculos en el agua*. Sal Terrae, 1993, 55-70

²³ *Ibidem*, 63

Porquê encorajar condutas que não deixam claramente a salvo a justiça equitativa? Aquele que cobrou, trabalhando uma hora, o mesmo que aquele que tinha estado na vinha desde o amanhecer, não exigirá daí para a frente o esplêndido que se lhe deu como presente? (Mt 20, 1-16).

Porquê deixar tão na sombra o valor do castigo que serve de lição? Aquele que conta vir a ser perdoado setenta vezes sete não perderá, a longo prazo, o sentido do pecado? E o filho acolhido de forma tão desmesurada, depois da sua tormentosa aventura, não voltará a partir quando houver em casa outro bezerro gordo com que se possa celebrar outro banquete de regresso? (Lc 15, 11-32)²⁴

“Jesus fala do Reino de Deus com sinais débeis – cuja dinâmica é de diminuição – e, inclusivamente, ambíguos. Os símbolos do sal e da luz (Mt 5, 13-15) o da levedura na massa (Mt 13, 33), o do grão de trigo e de mostarda. Aceitar que não é tão claro e evidente onde começa o trigo e onde acaba o joio (Mt 13, 29) ou que ao deitar as redes se vá recolher apenas peixes bons (Mt 13, 47). A ambiguidade das suas más companhias, a de aceitar entre os seus amigos Nicodemo, Zaqueu ou Simão, o fariseu, que podiam pôr em causa a radicalidade das suas propostas e a verdade das suas preferências pelos mais pequenos”²⁵

Custa-nos acreditar que, de facto, a fragilidade é requisito para acolher, proclamar e realizar o Reino.

É especialmente representativa desta realidade a pessoa de Maria: ela, como mulher, representa o não-poder, o não saber, o estar à margem, e nela Deus faz maravilhas e é “lugar” privilegiado onde acontece e se realiza a salvação de Deus. Terra boa, onde o Reino floresce.

4.3 O ÊXITO DE UMA HUMANIDADE NOVA

Ao êxito não podemos medi-lo só em termos pessoais, pois isso é uma armadilha mortal, as nossas vidas humanas não o serão enquanto não alcançarmos o êxito de uma humanidade nova, que possibilite vida suficientemente humana para todos e uma terra nova, capaz de conservar a biodiversidade.

Hoje, para além dos êxitos técnicos, culturais, sociais, médicos, etc., que saudamos com esperança e satisfação, temos que denunciar um enorme fracasso global: a distância cada vez maior entre países ricos e pobres; a infracção dos mínimos direitos humanos em muitas partes do mundo; a persistência das desigualdades de raça, sexo, classe; a violência como modo de tentar resolver conflitos, sem aprender com a história que a violência conduz sempre a mais violência e destruição. A exploração e espoliação dos recursos do planeta, a degradação do ar, água, camada de ozono...

Ainda é muito grande a diferença entre a humanidade desejada e a que temos; abissal a distância entre o sonho de Deus sobre o mundo e o que hoje podemos oferecer – e este é um radical fracasso contra o qual temos que lutar.

Hoje, nós temos tentado aproximar-nos do modo como, numa perspectiva do Evangelho, podemos aprender a “identificar” e viver os êxitos, o que, para nós cristãos, só pode fazer-se no contexto de seguir Jesus, para

²⁴ *Ibidem*, 64

²⁵ *Ibidem*, 63

quem GANHAR a vida à margem dos outros é perdê-la, um grande FRACASSO, e PERDER a vida amando e entregando-se no amor é o grande ÊXITO. Vidas assim acabam sempre em VIDA PARA SEMPRE, porque o amor nunca morre.

III. APROXIMAÇÃO PEDAGÓGICA

5. PARA UMA PEDAGOGIA DE SABER IDENTIFICAR, ASSIMILAR E CRESCER A PARTIR DOS ÊXITOS

Só me resta agora fazer uma síntese do caminho percorrido.

5.1 Poder identificar com sabedoria os fracassos supõe:

- Crescer em consciência lúcida dos lugares de onde definimos algo como êxito na nossa vida, na vida dos outros e da humanidade.
- Discernir esses lugares de onde, isto é: saber vê-los nos processos evolutivos da nossa vida e na história da humanidade; não julgar a partir de hoje o passado; perceber os valores e crenças que lhe subjazem, ver em que direcção apontam.
- Aprender a desaprender critérios a partir dos quais necessitamos de re-identificar os êxitos, para aprender a fazê-lo em direcção a sermos humanos e mais cristãos, a empurrar o mundo na direcção de uma nova humanidade, segundo o sonho do nosso Deus.
- Aprender a identificar como êxito da nossa sociedade e do nosso mundo as conquistas sociais para a paz, a justiça, a honradez para com a realidade.

5.2 Assimilar os êxitos

- Necessitamos da experiência dos nossos êxitos, do desenvolvimento e abertura das nossas capacidades, potencialidades; por isso, assimilar os nossos poderes para sair de situações difíceis é um feito importante, que favorece e possibilita a auto-estima.
- Assimilá-los supõe estar consciente dos custos pessoais e sociais, de quem os tornou possíveis e colaborou neles, para ter uma memória agradecida.
- Não nos deixarmos enganar, confundindo aplauso, reconhecimento, fama, com êxito autêntico.
- Não deixar que a adulação, o elogio, nos enganem e manipulem e, sobretudo, não nos torne arrogantes, inconscientes das nossas falhas e fracassos.

5.3 Assim, cresceremos com os nossos êxitos e com os êxitos e conquistas da humanidade.

- Crescer é sempre amadurecer no amor que se faz serviço simples e proximidade agradecida.
- Apoiar-nos-emos nos êxitos, para olhar com gratidão o passado.
- Servir-nos-ão para olharmos com esperança o futuro.
- Ajudar-nos-ão para vivermos com mais prazer e humor o presente.

Nota: As citações dos Evangelhos e das Epístolas foram feitas a partir da *Bíblia de Jerusalém*, São Paulo, Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 7ª. Impressão, 1995.

EXPERIÊNCIAS DE ORAÇÃO

Começar a oficina pedindo a cada pessoa que escreva o que lhe sugere a palavra êxito.

1. Consciência daquilo que identificamos como êxito e do que é que isso nos fala.

- Faz uma linha da tua vida, por etapas: infância, adolescência, juventude, idade adulta, e sobre essa linha assinala com picos para cima o que consideras que no **teu passado** (marca tu onde acaba, para ti, o passado e começa o presente) foram: conquistas, aspectos conseguidos, êxitos... Concede-te todo o tempo de que necessites para que te venham as recordações adormecidas; conforme te vão vindo, regista-los, fazendo o pico mais ou menos grande, conforme a recordação te traga o que foi para ti, **nesse momento**, essa conquista...
- Quando terminares de fazer o gráfico, olha-o e compreende como te sentes ao vê-lo, toma consciência da tua emoção, não procures julgá-la, nem avaliá-la; acolhe-la.
- Descobre, agora, a que áreas da tua vida afectam esses êxitos, conquistas e o que revelam dos teus valores, das tuas crenças... **isto é, o que revelam de ti.**
- Compreende, igualmente, qual o preço que pagaste por esses êxitos e se hoje, vistos à distância, achas que continuas a considerá-los como êxitos; e se sentes que te compensaram e tens satisfação por eles, ou achas que não merecia tanto a pena aquilo por que lutaste. Fá-lo sem emitir juízos valorativos, apenas ampliando a tua consciência.

- Descobre a tua vida acontecendo na “palma da mão de Deus” e/ou perante o seu olhar amoroso, e agradece-Lhe e nele a todas as pessoas, circunstâncias, realidades, que tornaram possíveis esses êxitos da tua vida.

2. Em busca do tesouro

- Imagina que estás em tua casa, tranquilamente, e vem uma pessoa muito tua amiga e que te merece credibilidade e te diz que sabe que há um tesouro importante numa montanha alta e escarpada, que ela vai buscá-lo e vem convidar-te para essa viagem.
- Faz-te a advertência de que o caminho não vai ser fácil, que há obstáculos, que não há segurança absoluta de que se chegue, mas que ela está disposta a encontrar esse tesouro e vai correr o risco.
- Dá-te um tempo para pensar e decidir se queres ir ou não.
- Se dizes que não, pergunta a ti próprio/a porquê ficas e o que tem isso que ver com o que se passa na tua vida.
- Se dizes que sim, imagina-te já no início da subida, descobres que não vais sozinho/a, que há outras pessoas que se uniram à expedição e começa a subida: pouco a pouco, vais sentindo cansaço, sede, frio, à medida que sobes o vento sopra mais forte...
- Ao longo da subida, há planaltos no caminho, as pessoas param para contemplar a paisagem, que cada vez é mais formosa, está-se muito bem e vais percebendo que há pessoas que abandonam a subida e te convidam a ficar a desfrutar aquilo que já conseguiste, que não é assim tão claro que o tesouro mereça a pena, que talvez mais para cima não possas continuar a subir... com diversos argumentos tentam fazer-te desistir de chegar ao fim.
- Por fim, chegas: a paisagem é belíssima, ficas um momento em silêncio a desfrutá-la, retemperando forças, e vês uma seta que aponta na direcção do tesouro. Ao chegar ao local indicado, há que fazer um buraco, escavar bastante fundo e, por fim, encontras uma caixa com o teu nome, abre-la e nela está escrito: concede-se-te a graça de alcançar aquilo que neste momento mais deseja o teu coração (uma ou duas coisas). Dá-te um tempo para escolher bem o desejo que queres que se realize.
- Escuta dentro de ti uma voz que te diz: “isso” que tanto desejas é uma meta, um sonho para ti e que alcançá-lo seria para ti o êxito mais apreciado. Voltas a assegurar-te que é isso o que realmente queres conseguir.
- Sentada, sem pressa, saboreia já o que desejas tanto, desfruta ter chegado até aqui e escreve o desejo para ficar mais gravado.
- Enquanto te estás alegrando por ter chegado até aqui, ouves o teu nome e reconheces o Ressuscitado, que se senta a teu lado e se interessa, antes de mais, pelo esforço e pelas dificuldades que tiveste que enfrentar... Ele compreende-as, porque sabe disso... Dizes-lhe qual é o tesouro que encontraste e compreende como Jesus acolhe o teu desejo... Que te diz?... Escuta as suas palavras.
- Já chega a hora de descer da montanha com o teu tesouro e, antes de se despedir, diz-te: não esqueças que EU ESTOU SEMPRE CONTIGO. NOS TEUS ÊXITOS E NOS TEUS FRACASSOS.

3. Os êxitos do teu presente

- Identifica o teu presente, a partir de onde situas esta última etapa da tua vida, a partir de que situação, de que acontecimento...
- Recorda agora situações que, hoje, identificas como êxitos do presente, os teus triunfos, as tuas conquistas, saída airosa de situações difíceis. Anota-los no gráfico, calibrando bem a altura dos picos, mais altos os que consideras mais valiosos, mais importantes ou mais significativos para ti e a que dimensão da tua vida correspondem esses êxitos.
- Dá-te tempo para te sentires. Para os saborear, para os desfrutar, para os integrar em ti e, também, se necessitas de o fazer, para os voltares a identificar.
- Descobre o que tornou possível essas conquistas ou êxitos: concede-te um pouco de tempo para os agradecer.
- Toma, também, consciência do preço que pagaste por eles e se continuam a compensar-te.
- Descobre o Ressuscitado sentado junto de ti, olhando o teu gráfico do presente e dialoga com ele sobre o gráfico; que te diz? Partilha contigo alguma das coisas que ele identificou como êxito na sua vida?
- Ouve como Ele se alegra com os teus êxitos, te anima a continuar lutando para conseguir o que desejas e, além disso, diz-te: eu vim dizer-te que a Rocha firme onde se apoia o núcleo da tua identidade é que és uma criatura que brotou do amor de Deus e isso permanece sempre, tanto nos fracassos como nos triunfos.

4. Presentes para o caminho

- Imagina-te a ti mesmo/a sentado/a num lugar solitário, olhando com carinho o conteúdo da caixa em que encontraste o teu tesouro.
- Toma consciência dos obstáculos e dificuldades que tiveste que superar para poder chegar à caixa e encontrá-la: identifica-os e descobre como isso é real na tua vida quotidiana.
- Compreende que não estás só, o Ressuscitado está contigo, e tu falas-lhe dessas dificuldades.
- Então, ele oferece-te três presentes para o caminho, para que possas superar os obstáculos:
 - **Um surrão** para o caminho, para que o enchas daquilo de que necessites.
 - **Um cajado**, para que possas apoiar-te e caminhar melhor.
 - **Um telescópio**, para que possas ampliar o teu olhar.
- Diz-te que dediques um bocadinho de tempo a compreender como vais utilizar esses presentes e o que significam, neste momento da tua vida, para ti.
- Depois, voltas a contar-lhe o que descobriste.

- Ele diz-te que não esqueças que esses presentes já os tens, e estão presentes na tua vida quotidiana, descobre-os, são o meu presente para ti.

5. O êxito de te glorificares na tua fragilidade

1. Toma consciência de experiências, de realidades em que, neste momento da tua vida, te sintas débil, impotente, pobre, frágil...
2. Define-as com pormenor e percebe as que são mais difíceis de acolher em ti, ou as mais patentes para ti.
3. Toma-as nas mãos, uma a uma, sentindo o seu peso, a sua força, a sua profundidade, e expõe-nas, assim, ao olhar amoroso de Jesus, como fizeram os seus contemporâneos, pedindo o que sintas que necessitas de fazer com essas tuas fragilidades.
4. Jesus vai acolhendo no seu seio o que tu lhe apresentas e a primeira coisa que faz é mostrar-te como essa tua fragilidade pode converter-se num lugar de encontro com os outros, num lugar de revelação da tua verdade, como pode ser um lugar fundamental para realizar o Reino.
5. Depois, vai acariciar, sanar, limpar, robustecer tudo o que lhe apresentaste, descobrindo que és querida **na tua fragilidade**.
6. Ouve, depois, as suas palavras: Feliz tu, que és débil, frágil, que te sentes impotente, pobre, necessitada de ajuda, porque precisamente para ti é que o meu Pai-Mãe me enviou, porque quando és frágil, então és forte, porque podes acolher em ti a força de Deus.
7. E com o gozo desta experiência no coração: vê e faz tu o mesmo com as fragilidades, fraquezas, erros dos outros.

6. O êxito de viver querendo empurrar uma humanidade nova

- Deixa-te sonhar, como fazia o profeta Isaías, com uma humanidade nova e um cosmos habitável: elabora esse sonho a partir daquilo que mais desejas para este mundo.
- Imagina como seria um mundo sem **desigualdades** inumanas, sem exclusões por razões de raça, género, classe; sem que a **violência** seja o modo de solucionar os conflitos, sem que o **egoísmo** domine as nossas sociedades, verificando que o poder se usa para dar poder aos que menos poder têm, etc.... Deixa-te sonhar, desejar... tomando consciência de como é a tua utopia.
- Enquanto estás a sonhar, a desejar... vem ao teu encontro Jesus de Nazaré e tu contas-lhe o teu sonho e perguntas: qual foi o teu sonho? Deixa que ele te revele o descobrimento profundo da sua vida de que o seu Eu não terminava nas fronteiras da sua pele, mas que abarcava toda a humanidade, como ele vivia como dom e como tarefa o sonho de Deus: o seu Reino. Essa foi a paixão da sua vida, o seu grande triunfo: a experiência de que com a sua pessoa e as suas realizações tinha chegado a este mundo o reinado de Deus.
- Quando terminar de te contar como sonha o mundo, o cosmos e, portanto, a sociedade, a Igreja... diz-te que, pela sua parte, fez o que pôde para empurrar a história nessa direcção, empurrando a pequena parcela em que

viveu e com as gentes com quem tratou, mas que para isso teve que superar muitos enganos, dificuldades, tentações, ameaças, solidões... Mas que, no final, nada nem ninguém pôde impedir que o Reino de Deus esteja já no meio de nós, nem que a Vida definitiva triunfe sobre a morte.

- A terminar, diz-te que penses como tu, à tua volta, na tua vida quotidiana, no trabalho de ser quem queiras ser, na tua maneira de ajudar os outros... **estás, também, pondo o teu grãozinho de areia** em algumas dessas direcções, cultivando valores, gerando “pequenos espaços ecológicos”, onde se possa viver mais humanamente.
- Deixa que Jesus te revele como já, de facto, estás construindo, na tua vida, o Reino de Deus e, talvez, te abra caminhos novos, ou modos novos de ter segurança no caminho de o seguir, para que possas resistir às dificuldades, aos enganos e às ameaças do caminho.
- Jesus lembra-te os presentes que te deu, como símbolo da sua presença permanente.

Emma Martínez Ocaña

Rodízio, 6 – 8 Maio 2005